

Não sobra dólar para vir

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, garantiu ontem que o Brasil não vai receber uma enxurrada de dólares por causa do grau de investimento, nota concedida pela agência de classificação de risco Standard & Poor's na semana passada. Na sua avaliação, a contração no volume de recursos disponíveis no mercado financeiro mundial impedirá uma "invasão" de capital especulativo de curto prazo no país. "Está faltando liquidez no cenário internacional, o que significa que não está sobrando muito dinheiro para vir aqui para o Brasil", disse o ministro ontem numa rápida entrevista.

Pessoas da equipe econômica e analistas de fora do governo se reuniram ontem com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para avaliar a conjuntura econômica, os efeitos do grau de investimento e a política industrial, que deve ser anunciada na segunda-feira que vem. Além de Mantega, participaram da conversa o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, o do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, e o economista Luiz Gonzaga

**FIZEMOS UMA
AVALIAÇÃO
MUITO POSITIVA
DO GRAU DE
INVESTIMENTO.
O BRASIL
SERÁ OBJETO
DE NOVOS
INVESTIMENTOS
EXTERNOS DE
BOA QUALIDADE**

*Guido Mantega,
ministro da Fazenda*

Belluzzo. Mantega tentou tranquilizar Lula sobre a entrada de capital no país, que pode deprimir ainda mais a cotação do dólar, prejudicando as exportações. "Nós fizemos uma avaliação

muito positiva do grau de investimento que recebemos. O Brasil será objeto de novos investimentos externos de boa qualidade. Não se teme que haja uma invasão de capital especulativo", relatou Mantega. Segundo ele, números mais recentes mostram que, desde o início da cobrança de 1,5% do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) sobre aplicações estrangeiras em renda fixa, o fluxo de capital de curto prazo teve uma "diminuição bastante sensível". O ministro, porém, não citou os dados que confirmariam sua declaração.

Segundo Mantega, os recursos estão chegando para a bolsa de valores, investimentos estrangeiros diretos e empréstimos para as empresas brasileiras aumentarem a capacidade produtiva. Com o grau de investimento, que deu ao país o status de porto seguro para os investidores, o ministro acredita que apenas os fundos de pensão mais conservadores passarão a aplicar no país. Ainda assim, deverão manter a "prudência que se espera no momento presente", de crise financeira internacional.

Para o ministro, os demais investidores não devem mudar o comportamento porque o Brasil já reunia há algum tempo condições econômicas de país com grau de investimento, embora a

José Cruz/ABr - 5/6/07



SEGUNDO O SECRETÁRIO DO TESOUREIRO, ARNO AUGUSTIN, BRASIL TEM MELHORADO MUITO A SITUAÇÃO FISCAL

elevação na classificação só tenha saído agora. "Haverá um aumento gradual de investimento externo, o que será positivo, pois virá se somar ao investimento que já está ocorrendo hoje no Brasil, de modo a ampliar a produção nacional e, eventualmente, as exportações", afirmou.

O secretário do Tesouro Nacional, Arno Augustin, rebateu os argumentos da Moody's para não conceder agora o grau de investimento ao Brasil, como fez a concorrente Standard & Poor's. De acordo com relatório sobre o país

divulgado anteontem, a Moody's espera uma redução da dívida pública e dos gastos do governo antes de aumentar a qualificação brasileira. "Nós temos melhorado muito a situação fiscal do país. Os dados do primeiro trimestre mostram isso e o gerenciamento da dívida tem apresentado resultados muito positivos", disse.

Augustin lembrou que o governo central obteve um superávit nominal de 1,06% do Produto Interno Bruto (PIB) no trimestre, fato inédito — esse superávit é a sobra de recursos

depois de pagas todas as despesas federais, inclusive os juros sobre a dívida. O secretário também apontou avanços na administração da dívida em indicadores como prazo médio, participação de títulos prefixados (com remuneração acertada no momento da emissão) e diminuição da dívida externa. "O momento em que cada agência faz a sua avaliação e aumenta ou não a nota do Brasil se dá a partir de critérios de cada agência, que a gente respeita", ponderou.